

*Ana Maria Maçalhães
Isabel Alçada*

**Uma
Aventura**
**no Castelo dos
Três Tesouros**

*Ilustrações de
Arlindo Faundes*

CAMINHO

Capítulo 1

Morcegos no castelo



— Sabiam que há morcegos no castelo?

A pergunta do João surpreendeu as gémeas, que estavam na cozinha a fazer um batido de morango. Teresa desligou a maquina e olhou para ele, admirada, mas foi a Luísa que respondeu:

— Não sabia. Por que é que te lembraste disso?

Sacudindo as mãos ainda manchadas de vermelho devido à lavagem dos morangos, lançou um pingo direto para o nariz do João. Ele limpou-se ao próprio braço e Teresa, que o observava, comentou:

— Estás com cara de quem tem mais coisas a dizer sobre esse assunto.

— Pois tenho.

— Então diz.

— Há montes de morcegos a viver no castelo de S. Jorge.

— Tens a certeza? Sempre ouvi dizer que os morcegos vivem em grutas e que eu saiba no castelo não há grutas.

— Se calhar há. E como o que eles precisam é de esconderijos sem luz, tanto lhes servem grutas como um túnel, ou buracos que não devem faltar nas muralhas e nas torres.

— E então?

— Então, vamos vê-los.

As gémeas entreolharam-se, divididas por sentimentos contraditórios. Aqueles animais que voam mas não são pássaros, vivem de noite e dormem de dia, ainda por cima de cabeça para baixo, e aparecem tantas vezes em filmes de terror, espicavam-lhes a curiosidade. Mas, por outro lado, a ideia de se enfiarem em grutas ou túneis, se calhar húmidos e malcheirosos, era pouco convidativa.

— Os morcegos agarram-se aos cabelos das pessoas, não é?

João encolheu os ombros.

— Hum... isso não sei.

Por um instante as gémeas ficaram em silêncio, a imaginar o que sentiriam se algum morcego resolvesse aterrar nas cabeças delas.

«Somos loiras», pensavam. «No escuro, os nossos cabelos chamam muito a atenção...»

— Olhem lá, vocês estão com medo?

— Que ideia! Temos tanto medo como tu.

— Nesse caso ótimo porque o meu medo é igual a zero e a minha vontade de ir é igual a mil.

Delirante, continuou:

— Já imaginaram o nosso grupo a explorar recantos secretos do castelo ao pôr do Sol, para ainda vermos os morcegos a dormir muito aconchegadinhos, e de repente, ao cair da noite, zás! Todos a levantar voo?

Não podiam negar que a maneira de ele apresentar a questão tornava a cena atraente. No entanto ainda hesitaram:

— O castelo de S. Jorge à noite está fechado — lembrou a Teresa.

A expressão levemente misteriosa que iluminava os olhos do João tornou-se muito forte.

— Não fecha para quem se inscreve em programas noturnos. E eu inscrevi-nos pela net.

Subiu a um banco, começou a falar mais alto e com gestos teatrais:

— Ao por do Sol vamos entrar pela porta principal do fabuloso castelo de S. Jorge, onde nasceu Lisboa, e perseguir bandos de morcegos a coberto da escuridão!

Chico e Pedro, que tinham ficado na sala a acabar de ver um filme, estranharam a conversa e apareceram na cozinha.

— O que é que se passa?

— Por agora só batido de morango, que já não é mau.

Instintivamente, Teresa ligou a máquina e deixaram de se poder ouvir enquanto o líquido rosado girava no copo de vidro a grande velocidade, com a barulheira habitual. Num minuto o batido ficou pronto e João, sempre em cima do banco, declarou:

— Arranjei um programa fantástico para fazermos hoje à noite.

Em poucas palavras explicou-lhes tudo e tanto o Pedro como o Chico aderiram de imediato:

— Fixe! Eu alinho.

— E eu também.

As gémeas entreolharam-se, Teresa passou a mão pelos cabelos loiros como

se os quisesse proteger e Luísa ainda ar-
riscou:

— Nós não temos muito dinheiro e se
calhar esse programa noturno é caro.

— Nada caro, por isso deixem-se de
tretas, sim?

Com os três rapazes tão entusiasmados,
não valia a pena discutirem mais.

— Podemos levar o *Caracol*?

— Podem, mas não se esqueçam da tre-
la. Eu também levo o *Faial*.

Enquanto acertavam pormenores sobre
a hora e o local de encontro, o Chico pôs-
-se a imaginar momentos de perigo:

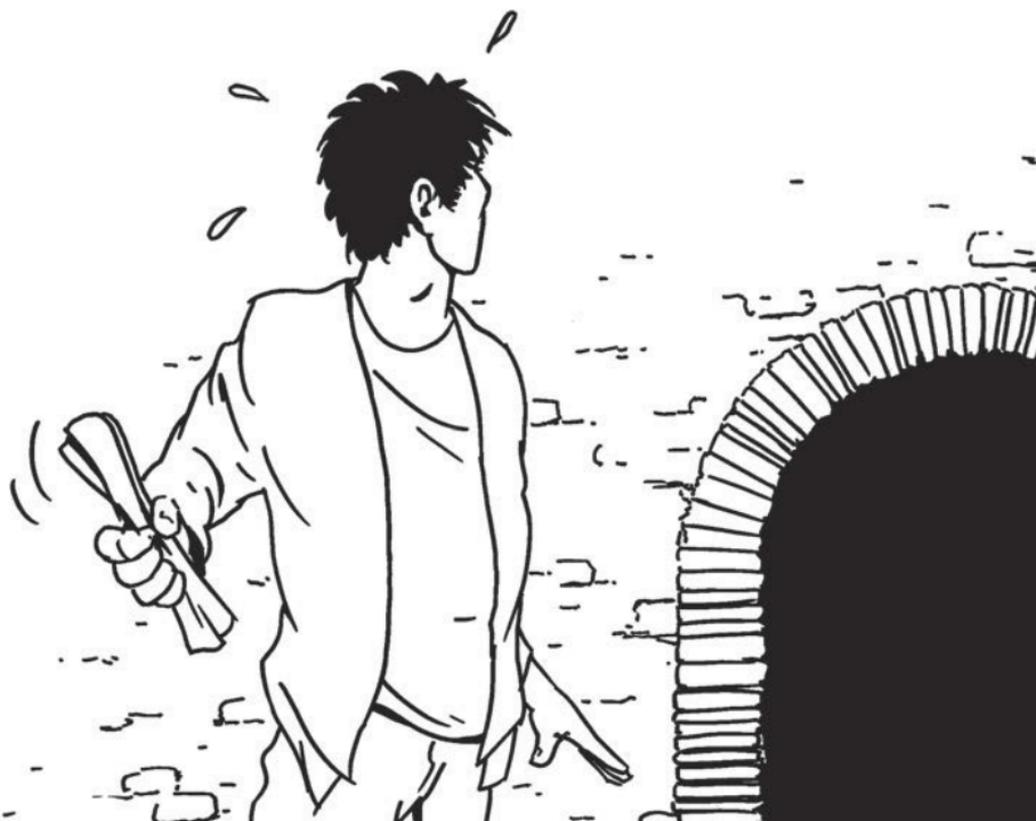
— Se for preciso eu luto com nuvens
de morcegos ao murro e ao pontapé!

Os outros riram-se e Pedro rematou a
conversa utilizando uma palavra que sem-
pre combina bem com emoções: «lusco-
-fusco».

— Encontramo-nos junto à porta do
castelo ao lusco-fusco porque é a hora em
que os morcegos levantam voo.

Capítulo 2

¡Sorpresa!



Quando entraram no castelo de S. Jorge soprava um vento morno, a noite caía de mansinho e o céu tingia-se daquela luz dourada que anuncia a despedida do sol. Apetecia imenso estar ali, mas à primeira vista não havia mais ninguém inscrito no programa noturno.

— Somos só nós? — perguntou o João a um guarda.

— Não, vocês chegaram cedo, têm de esperar pelos outros. O ponto de encontro é ao pé da estátua de Afonso Henriques. Encham-se de paciência porque falta meia hora.

— Não faz mal, a gente espera.

Ainda andavam por ali turistas, mas todos de saída, a ideia de que iam ficar com o castelo só para eles durante meia hora não podia agradar-lhes mais. Pedro foi

debruçar-se na muralha e os outros seguiram-no.

— Que vista espetacular!

Por um momento ficaram em silêncio, passeando os olhos pelos telhados da cidade, pelo rio Tejo tão azul, tão largo, pelas luzinhas que se iam acendendo na outra margem. Um barco pintado de preto cortava as águas deixando atrás de si um risco de espuma branca que tomou a forma de um enorme S.

— S de surpresa — disse o João. — Palpita-me que este programa que organizei nos vai trazer muitas surpresas!

— E a primeira é já este barco que nos está a enviar uma mensagem — disse a Teresa.

— Aquática! — acrescentou a Luísa

Pedro e Chico também se deixaram embalar na brincadeira e até o *Faial* concorreu vivamente, sublinhando a conversa com latidos de aprovação.

— Já repararam que já cá não está mais ninguém?

— Estão os guardas.

— Esses não contam. Temos o castelo só para nós.

— Então vou-lhes mostrar uma coisa que vocês se calhar não sabem que existe.

— O que é?

— Poços comunicantes.

— Se julgas que me vou meter num poço, tira daí o sentido.

Pedro riu-se:

— Não é nada disso, Luísa. Venham, que vão gostar.

Caminhando atrás do Pedro, subiram uns degraus de pedra enormes, que obrigavam a puxar pelas pernas, e ele apontou-lhes dois poços também em pedra, tapados por grelhas de ferro.

— Se disserem palavras para dentro de um destes poços, as palavras saem pelo outro.

— Estás a gozar?

— Não. Experimentem.

Chico encostou a cabeça a uma das grelhas e falou o mais baixo possível:

— Alô! Alô!

As palavras saíram pelo outro poço ampliadas e cavernosas:

— Alôôô! Alôôô!

Não foi preciso mais nada para as gémeas e o João desatarem a fazer experiências:

— Olá malta!

E de novo as palavras viajaram por baixo da terra, escoando-se mais gordas e mais graves pelo poço vizinho:

— Olááá maaltaa...

— Sou um monstro! Vivo aqui escondido há mil anos, mas vou sair e já...

— Jááá...

A noite caíra por completo, a escuridão dentro de um castelo quase deserto tem sempre um toque mágico. As muralhas pareciam maiores e as torres pareciam mais altas. Focos de luz amarelada a esticarem as sombras pelo chão, mais o ventinho ligeiro que fazia sussurrar a copa das árvores, tudo contribuía para criar um ambiente semifantasmagórico.

— Estou com um presentimento — disse a Teresa.

— De que vai acontecer qualquer coisa espantosa, não é? — perguntou a irmã.

— Sim.

Quase tinham esquecido o programa dos morcegos quando um guarda veio chamar.

— Então? Tanta pressa e desapareceram? Está toda a gente à vossa espera.

— Vamos já, vamos já!

Desceram os degraus gigantescos com cuidado para não darem um trambolhão e foram juntar-se ao grupo que rodeava a estátua do rei. A guia era uma rapariga nova que tanto o Pedro como o Chico acharam bem bonita. Pediu-lhes que dissessem os nomes e também se apresentou:

— Eu sou a Maria João. Cientista com paixão por animais.

João aproximou-se, encantado, pois se tinham o mesmo nome e os mesmos gostos, iam entender-se lindamente. O entusiasmo deu-lhe coragem para ser o primeiro a fazer perguntas.

— Os morcegos são todos vampiros?

Ninguém conseguiu ouvir a resposta porque um dos miúdos pequenos desatou aos gritos:

— Detesto vampiros! Tenho medo! Quero ir para casa!

O pai tentou acalmá-lo mas não conseguiu. A certa altura, envergonhadíssimo, já só dizia.

— Está calado, Zezinho! Cala-te, Zezinho!

Quanto mais o pai o mandava calar, mais ele gritava. As pessoas entreolhavam-

-se furiosas e a guia tentou resolver o problema:

— Se ele não quer ver os morcegos é melhor ir embora. Na bilheteira devolvem o dinheiro.

— Não! Isto já lhe passa. Tenho a certeza de que vai adorar!

Como o miúdo continuava aos berros, o pai pegou-lhe ao colo e ele calou-se. A guia começou então a explicar tudo sobre os morcegos que habitam o castelo de S. Jorge. Depois distribuiu umas pequenas maquinas.

— Agora vamos às zonas do castelo onde há mais morcegos. Quando voarem por cima das nossas cabeças, essas máquinas dão uns estalidos e aparece um número no ecrã. Conforme o número, conforme o tipo de morcego.

Avançou por entre as muralhas, as pessoas acompanharam-na de maquinas em punho, logo adiante viram um bando a agitar as asas e ela chamou a atenção para um pormenor engraçado.

— Reparem que os morcegos tanto voam para a frente como voam para trás. Os pássaros não.

As maquiuetas soltavam zumbidos, os morcegos eram cada vez mais, as pessoas entusiasmavam-se, a guia ia dando explicações e respondia a todas as perguntas, mas a certa altura houve um parzinho que se afastou do grupo e ela ficou muito aborrecida.

— Para aqui, faz favor! À noite é proibido andar por dentro do castelo sem guia.

Eles ficaram ambos visivelmente contrariados, e o homem reclamou:

— Não percebo porquê.

— Não há nada para perceber — disse a guia. — São regras, é preciso respeitá-las.

Toda a gente tinha parado, toda a gente os fitava e, como por acaso estavam por baixo de um dos focos de luz, viam-se muito bem as caras de ambos. Tão parecidos que não se tratava afinal de um parzinho ansioso por ir namorar atrás de uma torre, aquelas caras eram obviamente de dois irmãos. Altos, magros, com muito cabelo e muito preto e igualmente espetado, ainda ficavam mais parecidos de frente, porque a expressão contraída lhes desenhava na face a mesma ruga por baixo do olho direito.

— Bom, vamos continuar o percurso, sim?

A voz da guia soava leve, à maneira de quem quer desanuviar.

— A etapa seguinte é no coração deste castelo e temos de atravessar aquela porta de madeira grossa com pregos de ferro. Avancem.

Deixara-se ficar para o fim para ter a certeza de que ninguém escapava ao seu controlo. As gémeas e os amigos resolveram esperar por ela e o pai, que agora levava o filho às cavalitas, também. Como já lhe doíam as costas, pousou-o no chão.

— A partir daqui vais a pé, está bem?

— Não! Não! Não! Tu és o meu cavalo!

Estendia os braços, como o pai não lhe fez a vontade, atirou-se para o chão a espernear, sem querer deu um bruto pontapé no *Caracol*, que soltou ganidos de dor. As gémeas ficaram fulas, Teresa pegou-lhe ao colo, os amigos lançaram olhares igualmente indignados ao miúdo malcriadíssimo e ao pai que não o educava. João teve de segurar o *Faial* com toda a força para evitar que saísse em defesa do seu amigalhaço preferido.

— Pronto! Pronto! Vamos lá embora — ordenou a guia a enxotá-los para uma zona que parecia ser um castelo dentro de outro castelo.

— Como é que isto se chama? — perguntou o Pedro.

— Castelejo.

— Ah!

As gémeas tinham-se distanciado e foram as primeiras a ir dar a um recanto apertado onde havia dois arcos de tijolo e dois buracos quadrados que lembravam bocas de fornos antigos. Teresa foi espreitar para ver se os fornos tinham alguma coisa lá dentro.

— Eh! São enormes, são muito fundos!

Inclinou-se mais, o *Caracol* soltou-se dos braços e desapareceu no interior do velho forno, a ladrar.

— *Caracol!* — gritaram as gémeas em coro.

— Au! Au!

— *Caracol!* Sai já daí!

Em vez de obedecer, continuou a ladrar, a ladrar.

— Que será que lhe deu?

— Deve ter ido atrás de um bicharoco

ou de um cheiro que lhe agradou — disse a guia.

— Cheiro? Cheirete! — exclamou o Chico, afastando-se do buraco onde acabara de meter a cabeça. — É de vômito!

Os latidos soavam agora tão abafados e aflitivos que as gémeas ficaram em pânico.

— Estará magoado?

Acotovelaram-se de roda da abertura a dar palpites sobre a melhor maneira de salvar o cão.

— Se mandássemos o *Faial* buscá-lo?

— Nem pensar, se o meto ali acabam por ficar lá os dois.

— E se nos afastarmos, ele não virá atrás? — perguntou o pai do Zezinho.

— Não, porque se pudesse já tinha saído. Deve estar preso a alguma coisa.

Vendo as gémeas enervadíssimas, João decidiu esquecer o cheirete e ir ele buscá-lo.

— Ajudem-me a entrar no forno.

Chico deu-lhe apoio, ele entrou de gatas e começou a rastejar mas voltou atrás e pediu.

— Passem uma lanterna que isto é enorme e não vejo nada.

— Toma! — disse o Pedro. — A minha tem pilhas.

Os latidos do *Caracol* soavam cada vez mais fracos.

«Depressa, João! Depressa», pensavam as gémeas.

Como João nem regressava nem dizia nada puseram-se aos berros:

— O que é que se passa?

— Estás a vê-lo?

— Não!

A resposta deixou toda a gente atónita.

— Se o ouvimos ladrar, tem de estar aí! Como é que não o vêes? — perguntou a Teresa num sufoco.

— Não vejo porque caiu numa fenda.

A notícia ecoando dentro do velho forno duplicou a inquietação geral.

— Vou-te ajudar! — decidiu o Chico já de perna alçada.

— Não venhas que só atrapalhas. Esperem, não digam mais nada, eu resolvo isto sozinho.

De cócoras, e com o foco da luz apontado para a fenda, via perfeitamente a mancha branca do pelo do *Caracol*, que estava entalado lá em baixo sem se poder